

# Educação escolar quilombola tem como foco a memória, o respeito às diferenças e o exercício da cidadania

Cristiane Miglioranza / 14 de novembro de 2024 / Reportagens



**Diversidade | Movimento promove emancipação e integração dessas comunidades com seus saberes tradicionais. Em 2025, a UFRGS passa a oferecer a primeira Licenciatura em Educação Escolar Quilombola do estado**

\*Art. Paulo Carrê, recorte da obra Bar. Técnica mista mista argila, metal, pigmentos naturais sobre papelão.

Nas comunidades remanescentes de quilombos, os processos de educação considerados não formais são determinantes para a constituição do modo de vida e responsáveis pela preservação do patrimônio sociocultural. As rezas, os cânticos, o conhecimento sobre as ervas medicinais, as técnicas de plantio e a criação de animais, as histórias e memórias coletivas constituem parte de um acervo comunitário que auxilia na compreensão acerca do estar no mundo e em relação com o mundo. A reflexão é do doutor em Educação pela UFRGS e integrante do Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (Iacoreq) Paulo Sérgio da Silva.

Além de pesquisar sobre educação, Paulo é, ele mesmo, um educador. Professor de História, atua na Escola Municipal Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha, no bairro Sarandi, Porto Alegre, em dos mais afetados pela catástrofe climática de maio de 2024. A escola atende 80 estudantes do Quilombo dos Machado, matriculados em todos os níveis da Educação Básica, incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Devido aos danos causados pela enchente, o prédio da escola ainda está fechado e em obras, o que fez com que as atividades fossem realocadas para espaços como o Clube Comercial Sarandi. "Priorizamos a possibilidade de encontrar lugares dentro do território, até para não ocasionar deslocamentos longos. Mesmo assim, alguns alunos não estão conseguindo vir devido a distância da escola", conta Paulo, que também exerce a função de vice-diretor.

A tese de doutorado de Paulo, publicada em livro, aponta que os projetos que tratam da educação nessas comunidades trazem transformações para as realidades locais. O Quilombo dos Machado, por exemplo, foi, durante as enchentes de maio, uma das bases de apoio para as e os desabrigados da região do Sarandi, que abrange vilas como Respeito, Dique, Nazare, União e Nova Brasília.

Ponto de distribuição de marmitas, cestas básicas, colchões, produtos de limpeza e água potável, a comunidade – que também foi inundada – levou para além de seu território o compromisso com a ideia de se "aquilombar". "Eles acabaram acolhendo todo o entorno. Na retomada das aulas, fizemos uma atividade lá para tratar da questão das mudanças climáticas", conta.

"Hoje não existe uma escola quilombola ideal. Se trata de um processo. À medida que vai aumentando a formação das pessoas dentro dos territórios, que elas vão tomando conhecimento das pautas da educação antirracista, de seu lugar de ser e estar no mundo enquanto quilombolas e da importância que a educação tem na formação dos sujeitos, o reflexo vai se tornando mais intenso"

— Paulo Sérgio da Silva

Sobre as dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas gaúchas com as enchentes, o JUI publicou matéria em maio de 2024. Segundo levantamento da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), todas as 145 comunidades quilombolas do estado, situadas em 70 municípios, foram afetadas. Destas, 10 foram ilhadas.

## Uma educação equitativa

Para o astrofísico e professor do Instituto de Física da UFRGS Alan Alves Brito, a educação escolar quilombola, além de uma demanda histórica dos movimentos sociais, se diferencia justamente por articular vivências e o respeito aos diversos modos de vida. Alan coordena o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, Indígenas e Africanos (Neab/UFRGS) e o projeto de pesquisa aplicada Zumbi Dandara dos Palmares, que mobiliza uma equipe de professores e pesquisadores de diversas áreas.

A iniciativa engloba movimentos sociais, a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul e escolas que recebem estudantes dos quilombos urbanos, situados em Porto Alegre, e de territórios quilombolas espalhados pelo estado.

"A educação diferenciada é vista como uma importante tecnologia social não apenas para essas comunidades, mas para toda a sociedade brasileira, uma vez que a educação antirracista é um projeto de sociedade"

— Alan Alves Brito

Segundo dados da Secretaria Estadual de Educação (Seduc-RS), atualmente há 20 escolas que atendem à população quilombola registradas no Sistema de Gestão da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul (ISE). Destas, apenas uma funciona dentro de um território, a localizada no Quilombo do Morro Alto, em Maquiné.

Alan destaca, entretanto, que esses dados podem ser imprecisos. "De acordo com levantamento do Inep [Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira] de 2007, o Rio Grande do Sul possuía 30 escolas quilombolas, 3.230 estudantes e 263 docentes. Mais dados, em 2010, revelam a existência de 44 escolas, com mais de cinco mil matrículas e mais de mil docentes", relata.

Ele acrescenta que, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Equitativa (EQ), há escolas quilombolas, aquelas localizadas nos limites físicos dos territórios quilombolas, e escolas que recebem estudantes quilombolas. Tanto as primeiras quanto as demais deverão aplicar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação EQ.

Em sua pesquisa, Paulo Sérgio da Silva explica que o advento das comunidades remanescentes de quilombos fez surgir um novo ator político na esfera pública e revelou uma parte da história desconhecida por um contingente significativo da sociedade brasileira. "Em sua maior parte, elas descendem de africanos tomados escravos que conseguiram manter características socioculturais próprias e distintas por meio da preservação e da reinvenção de uma tradição histórico-social e cultural que remonta aos tempos dos ancestrais africanos e de seus descendentes, bem como de suas respectivas culturas africanas e afro-brasileiras."



## Comunidade para além do território

Localizada na Vila Mapa, zona leste de Porto Alegre, a Escola de Tradição Quilombola de Matriz Africana do Quilombo Família de Ouro teve seu projeto de ampliação e diversificação de atividades contemplado com recursos da Lei Paulo Gustavo. Com isso, desde julho desenvolve, para além das costmeiras aulas às quartas-feiras, um ciclo de oficinas que atende 28 crianças e jovens quilombolas e 10 não quilombolas.

A programação é composta por oficinas de comidas tradicionais, tambor, produção de Axós (vestes tradicionais), danças quilombolas e de povos tradicionais, produtos naturais quilombolas e contação de histórias dos povos tradicionais. Os cursos são ministrados pela matriarca do Quilombo Família de Ouro e Yalorixá do Ylê de Oxum e Ossanha, Mãe Paty de Oxum, e por professores quilombolas.

"Temos o compromisso de ensinar a tradição oral e vivências da tradição dentro do Quilombo Família de Ouro Ylê de Oxum. Nossa intenção é fazer com que as crianças quilombolas e das comunidades no entorno tenham um lugar para ficar no contramuro da escola enquanto aprendem a ter cuidado com suas vidas, respeito com as diferenças e com a natureza e amor pela tradição"

— Mãe Paty de Oxum

Criada em 2020 a partir de uma necessidade constatada junto a mães, crianças e jovens da comunidade, a Escolinha, como é carinhosamente chamada, proporciona muito mais do que uma experiência extracurricular. "Quando nos vimos com todas as crianças afastadas da escola devido à enchente, resolvemos manter o reforço escolar e ampliar nossa atuação com o ensino da tradição quilombola de matriz africana", conta Mãe Paty.

Para ela, repassar o legado às novas gerações é fundamental para manter o quilombo vivo. "Isso só vai acontecer se continuarmos ensinando aos nossos mais novos a terem amor pela tradição, a respeitarem e saberem dos nossos direitos como povo remanescente de quilombo. O país tem uma dívida histórica para com o nosso povo, e por isso temos que formar novas lideranças", destaca.



Oficina de Tambor Tradicional, ministrada por Kevin da Rosa Martins, de 20 anos, em agosto deste ano na Escola de Tradição Quilombola de matriz africana na Vila Mapa, Porto Alegre. Quilombola e tamborreiro desde os seis anos de idade, Kevin hoje é professor de inquri e tradição de matriz africana (Foto: Mãe Paty de Oxum/Arquivo pessoal)

## UFRGS lança formação inédita no RS

Nesse contexto, a UFRGS oferecerá, pela primeira vez no estado, o curso de Licenciatura em Educação Escolar Quilombola, com previsão de turmas em Porto Alegre e Capivari do Sul. Segundo o coordenador do curso, Alan Alves Brito, a organização das atividades foi prejudicada pelas enchentes ocorridas em maio, postergando sua previsão de início para o segundo semestre de 2025.

"Nosso currículo está muito focado nos princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação EQ, que levam em conta a Educação Quilombola, os epistemes e os modos de vida das comunidades, sem perder de vista a luta histórica pela terra e pelos territórios"

— Alan Alves Brito

Serão 30 vagas para quilombolas e pessoas sujeitas a ações afirmativas com formas de ingresso ainda em discussão. Contemplada no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor Equidade), a iniciativa terá aulas presenciais e organizadas pela pedagogia da alternância, combinando períodos de estudo na Universidade com imersão nas comunidades.

## Para ver mais

### Em frente (2021)



No documentário, são exploradas narrativas sobre enfrentamento ao racismo de estudantes, educadores, bairro Sarandi, e zona norte de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. A obra dialoga sobre os atravessamentos do racismo em seus cotidianos e sobre como os processos de fortalecimento da autostima contribuem para elevar os níveis de cuidado em saúde mental de homens, mulheres e jovens negros. A produção se insere no escopo dos projetos Campaign Against Racism Brazil, Akotire Kilombo Ciência e Zumbi-Dandara dos Palmares financiados, respectivamente, pela EqualHealth, pelo Museu do Amanhã e British Council e pelo Itaú Social, com apoio do Instituto Unibanco e da Fundação Tide Setubal, numa realização do Ceert e da Unicef.

### Multiponto, UFRGS TV: Educação Escolar Quilombola (2022)



O Multiponto é um dos programas da UFRGS TV que aborda, em linguagem jornalística, assuntos de relevância social em diferentes contextos e áreas do pensamento. Esta edição teve como tema o Projeto Zumbi-Dandara.

### Jogos pedagógicos

A Comunidade Quilombola Morada da Paz, Território de Mãe Preta, produziu três jogos que trazem para a sala de aula suas vivências, o seu jeito de ser e de viver.

## Postos relacionados

- Jornal da Universidade conquistou mais dois prêmios de jornalismo em 2024
- Judiciário hesita em responsabilizar réus por injúria racial, aponta pesquisa
- Naveio russo usado para expedição à Antártica tem estrutura especial para pesquisa
- Pesquisa indica que o período de rotação de anãs brancas é 3,5 vezes menor que estimativa anterior

INSTAGRAM: ufgrs.jornal, ufgrsjornal | REALIZAÇÃO: JORNAL DA UNIVERSIDADE | CONTATO: Jornal da Universidade, Secretaria de Comunicação Social/UFRGS, ISSN 2966-4675

Av. Paulo Gama, 110 | Retórica - B.Lander | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 91040-060 | jornal@ufrgs.br

UFGRS SECOM | Social Share Buttons and Icons powered by UltimateSocial